CAMPANHA NACIONAL DAS ESCOLAS DA COMUNIDADE
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO CENECISTA DE CAPIVARI
ISECC

CURSO DE PEDAGOGIA

SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO – A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DO DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do ISECC/CNEC Capivari, para obtenção do título de Pedagogo, sob a orientação da Profª MS. Alessandra Rodrigues Garcia de Lucena.

DENISE DIÓRIO

Capivari, SP
2009

Monografia defendida e aprovada em 12 de novembro, 2009, pela banca examinadora constituída pelos professores:

_____

Orientador Profª MS. Alessandra R. G. de Lucena

_____

Examinador Profª MS. Elizaete da Costa Arona

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus que me deu sabedoria, alegria, uma família maravilhosa e coragem para lutar e vencer. Obrigada, por ser o que eu sou.

A toda minha família e meu namorado (Marcel Luís Bertelli), pela dedicação e incentivo, sempre me proporcionando força, coragem e confiança para vencer.

Em especial, aos meus pais que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la, com dignidade.

Aos meus colegas de faculdade pelo companheirismo, em especial Daniela e Nelsimara, pelo carinho e pelos três anos que compartilhamos em busca de um único objetivo.

A minha orientadora Alessandra, pela segurança e profissionalismo, dando-me sempre a certeza de que a busca deve ser sempre constante, visto que, este é o caminho para chegarmos a atingir nossos objetivos.

Por último, agradeço todo o corpo docente do curso de Pedagogia, pela contribuição na minha formação.

Toda manhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos que saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

(Paulo Freire)

DIÓRIO, Denise. *Sexualidade, Educação e Orientação – A importância do conhecimento do docente*. Monografia de Conclusão do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Cenecista de Capivari – ISECC. 50, 2009.

RESUMO

Durante a prática docente na educação infantil é comum deparar-se com a simples pergunta “Como nascem os bebês?” ou “Como são feitos os bebês?”. Alguns educadores passam a bola para a família, dizendo-lhes que a educação sexual é por conta dos pais, enquanto outros simplesmente ignoram ou tendem a reprimir a criança pela pergunta ou manifestação sexual. Por conta disso, este trabalho aborda a importância do conhecimento sobre sexualidade por parte dos docentes. Realizou-se um estudo bibliográfico, que teve como objetivo compreender a história da sexualidade humana ocidental durante a Grécia Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Outro aspecto importante do trabalho foi discutir sobre as definições dos termos sexo, sexualidade, educação sexual e compreender como é o desenvolvimento sexual humano na faixa etária de 0 a 6 anos. Para alcançar os objetivos propostos do trabalho discutiu-se sobre as manifestações sexuais na educação infantil e como orientar os professores.

Palavras-chave: 1. Sexualidade e educação. 2. Educação sexual. 3. Sexualidade. 4. Formação docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 07
1. HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL.....10
1.1 GRÉCIA ANTIGA.....10
1.2 IDADE MÉDIA: CRISTIANISMO.....13
1.3 IDADE MODERNA.....16
1.4 IDADE CONTEMPORÂNEA.....19
2. CONCEITOS..... 21
2.1 SEXO.....21
2.2 SEXUALIDADE.....22
2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL.....23
3. DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE 0 A 6 ANOS.....30
3.1 FASE ORAL.....30
3.2 FASE ANAL..... 32
3.3 FASE FÁLICA.....35
4. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....40
4.1 MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR.....40
4.2 SUGESTÕES PARA AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS.....43
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....50

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a realização do presente trabalho é a sexualidade humana, levando em conta três dimensões: histórica, biológica e social no espaço escolar.

O fator gerador desta pesquisa surgiu devido à ausência do tema sexualidade no curso de formação dos docentes, o qual gera educadores despreparados para assuntos e situações que envolvem a sexualidade, tornando assim um assunto silenciado e vergonhoso.

> Muitos educadores, freqüentemente aquelas professoras que trabalham nos primeiros anos do 1° grau, afirmam que têm muitos "problemas" com relação à sexualidade. Queixam-se de palavrões, jogos e desenhos, manifestações que, segundo elas, "antigamente não eram assim, havia maior respeito..." Confusas, atribuem essa "permissividade" com plenas certezas à desagregação moral de nosso tempo, lançando abstratamente uma culpa ideal sem sujeito sobre toda a sociedade. Não compreende que o apelo à sexualidade está muito mais forte hoje, produzido pelo sistema econômico e dosado a todos os níveis sociais. Não percebem que essa descompressão da sexualidade está condicionada pela fase que entre nós passa a estrutura econômica da sociedade, portanto, não é um nível meramente moral que esta deve ser tratada, mas num nível socioanalítico estrutural.
>
> Para essas educadoras a expressão da sexualidade infantil é entendida como ato de "indisciplina e sem-vergonhice". É claro que não podemos generalizar essas opiniões e compreensão das coisas. Falamos metodologicamente dos círculos mais tradicionais e mais comprometidos com a ideologia conservadora hegemônica. (NUNES, 1997, p. 20).

Em hipótese alguma se pode silenciar o assunto, sabe-se que cada vez mais, as crianças estão expostas ao show do sexo, transmitido pela televisão, filmes, novelas e até os próprios desenhos.

> A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança. Há programas jornalístico-científicos e campanhas de prevenção à AIDS que enfocam a sexualidade, veiculando informações dirigidas a um público adulto. As crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade (PCN: ORIENTAÇÃO SEXUAL, 2001, p. 112).

É evidente que as crianças tenham curiosidades e manifestações acerca de questões que envolvam a sexualidade, sendo assim, os educadores devem estar preparados para orientá-las, respondendo às suas dúvidas, mas não podem limitar o conhecimento sobre a sexualidade tomando por base as próprias experiências e muito menos negar a sexualidade dizendo que não é importante para ser tratada em sala de aula. É um grande erro pensar-se assim, o mundo está cada vez mais erotizado, o diálogo entre pais e filhos está muito escasso, e assim mais uma vez os pais transferem essa responsabilidade de orientar seus filhos na vida sexual para, os educadores, que têm meios e recursos que nem sempre estão aos seus alcances.

A partir disso, os objetivos do presente trabalho são:

- Compreender as dimensões histórica, biológica e social da sexualidade humana;
- Despertar o interesse dos docentes sobre a importância de se trabalhar o tema na escola;
- Informar o educador sobre as manifestações da sexualidade dos seus alunos, para que assim seja não mais ignorada, e sim compreendida como etapa do seu desenvolvimento;
- Informar e orientar sobre as etapas do desenvolvimento sexual, discutindo sobre as dúvidas mais frequentes dos alunos em cada faixa-etária;
- Discutir caminhos sobre como lidar com as manifestações sexuais no espaço escolar.

Para a realização do presente trabalho escolheu-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. Esta metodologia consiste em buscar a teoria nas referências bibliográficas, possibilitando uma interpretação e analise pessoal, viabilizando conclusões inovadoras.

Sendo assim, apresenta-se a seguinte questão: ***como trabalhar com a sexualidade no espaço escolar, tendo como empecilhos falta de conhecimento do docente, tempo, espaço e material didático?***

O trabalho foi organizado em quatro capítulos. O capítulo um aborda a questão da sexualidade ao longo da história, discutindo e identificando as características dos papéis sexuais, educação, infância, casamento, prazer, sexo e valores. Esta pesquisa foi feita levando em consideração o período da Grécia Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. O capítulo dois versa sobre os conceitos de sexo, sexualidade, educação sexual e/ou orientação sexual o que tem causado confusão, e busca orientar aos educadores a não se posicionem contra ou não saibam do que estão falando.

Já o capítulo três discute sobre o aspecto biológico, mostrando como se desenvolve a sexualidade infantil, destacando as contribuições das descobertas de Freud, discutindo sobre as fases oral, anal, fálica, período de latência e fase genital.

Para finalizar o trabalho, o capítulo quatro discute sobre as relações sociais existentes no âmbito escolar relacionadas à sexualidade, refletindo sobre os conflitos que ocorrem entre professor e aluno, identificando e discutindo sobre as dúvidas frequentes dos alunos em cada faixa-etária, possibilitando ao leitor refletir sobre meios de lidar com o tema em sala de aula.

CAPÍTULO 1. HISTÓRICO SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL

Neste capítulo aborda-se um breve histórico sobre o desenvolvimento da sexualidade humana ao longo da história, pois, para compreendermos a questão levantada no presente trabalho, torna-se necessário conhecer o passado. A história é a chave para abrir a porta das dúvidas/questionamentos sobre o tema, permitindo, então, refletir e questionar os tabus, preconceitos e crendices.

Faz-se necessário que os educadores compreendam que os fardos que carregam de costumes, regras e preconceitos, criados pelo próprio homem decorrem da estrutura social do passado.

O professor é um agente transformador da estrutura social, por isso, é essencial que seja imparcial, questionando com seus alunos novas formas de ser homem e mulher, ensinando a respeitar as diversidades, as individualidades e as opções sexuais de cada um.

Buscar-se-á na história a função dos papéis sexuais da mulher e do homem, infância, casamento, virgindade, homossexualismo, prazer, sexo, educação e corpo, em cada época.

Discorrer-se-á neste capítulo sobre as características do tema na Grécia Antiga, na Idade Média, na Idade Moderna e na Idade Contemporânea.

1.1 GRÉCIA ANTIGA

Na Grécia Antiga – até o século V (4000 A.C. 476) - a mulher era educada para a submissão, o homem era considerado um ser superior, com direito a educação formal.

Desde a infância a menina é educada para ser mãe e obedecer ao marido e, o menino, educado para ser superior a mulher e comandar a família. O casamento tinha a finalidade de procriação e fins econômicos, virgindade não era um assunto questionado.

> Para os gregos, a mulher pertencia sempre a um homem. Era sujeita inicialmente à autoridade paterna ou de um parente próximo, até ser submetida à autoridade de um

> esposo através de um casamento arranjado. Passava a maior parte do tempo em seus aposentos, entretida em “afazeres femininos”; não tinha direito à educação formal; a vida política não era para ela; saía à rua somente acompanhada; o contato com homens era limitado apenas com o esposo ou com parentes; nem mesmo podia sentar-se à mesa na hora das refeições, principalmente se havia convidados (CABRAL, 1995, p. 82).

Nota-se que a mulher vivia dependente da figura masculina, até se casar ficava sob o poder paterno, sua vida se limitava ao cativeiro doméstico, cuja única educação era aprender a ser mãe e submissa ao seu marido, pois era um ser irracional. “Os gregos, porém, acreditavam serem as mulheres destituídas de razão, por isso lhes negavam o direito à educação formal” (CABRAL, 1995, p. 83). A mulher sofria restrições provenientes dos costumes da época, não podia reclamar ou questionar.

Como afirma Cabral, “a mulher era considerada inferior, física e mentalmente. Em termos de direitos civis, a mulher não era melhor que um escravo” (1995, p.82).

Fica evidente que a figura feminina era resumida a um ser fraco, sensível e frágil e perdia qualquer capacidade de decisão na sua própria vida e no domínio público.

O filósofo grego, aluno de Platão, Aristóteles demonstra o pensamento do homem a respeito das mulheres, dizendo:

> Reconhecia ser a mulher dependente e obediente ao esposo, do mesmo modo que o escrevo para com o senhor. Dizia ser a mulher de natureza fraca, assim como são suas vontades, por isso ela é incapaz de se tornar independente quanto ao caráter e atitudes. Seu melhor lugar é na tranqüilidade do lar, deixando para o esposo a condição de comandante das coisas externas e sobre ela mesma (*apud* CABRAL, 1995, p. 89).

Porém, Aristóteles mostra uma sociedade machista, preconceituosa e discriminadora com as mulheres, mostrando que seu único espaço era o cativeiro doméstico e tinha que viver à luz da ignorância, tendo de ser obediente a qualquer situação que lhe era imposta.

No entanto, eram exigidas qualidades de boa esposa: “castidade, sensatez, conhecimento em costura, fiação e tecelagem, capacidade para administrar os empregados, ser contida quanto aos gastos a fim de colaborar na conservação dos bens do marido e gerar filhos” (CABRAL, 1995, p. 83).

Verifica-se, ao contrário das mulheres, que os homens podiam ser livres e ativos na participação da sociedade e as mulheres eram responsáveis pelos fazeres domésticos.

Segundo Cabral (1995), o homem podia repudiar[1] sua esposa caso ela não lhe agradasse e isto era um direito legal.

Na Grécia havia outra forma de educação, a pederastia educacional, cujo homem mais velho ensinava um ofício a um rapaz, e podia manter relações sexuais com o mesmo, desde que o mais velho fosse o ativo. “Um adulto protege um rapaz, no sentido de assumir responsabilidade pelo seu desenvolvimento moral e intelectual através da delicadeza, dedicação e amor” (CABRAL, 1995, p.81).

Nota-se que o homem era um cidadão livre, com direitos de poder sobre a mulher e a educação formal.

Por outro lado, Cabral mostra uma visão do homem sobre o homem “o elemento masculino era descrito como um ser superior, com qualidades e virtudes capazes de provocar no próprio homem um sentimento de admiração e desejo” (1995, p. 84).

Desde a infância educavam-se meninos e meninas atribuindo-lhes papéis sexuais predeterminados, o primeiro era estimulado ao poder, machismo e, o segundo, à obediência e repressão sexual.

> Educa o menino para exibir seu sexo, gostar dele, ostentá-lo orgulhosamente, como vemos nas rodas familiares, num nítido narcisismo fálico. Já com relação à menina dá-se ao contrário; obriga-a a esconder seu sexo, mantê-lo misterioso, a não ter uma relação afetiva com sua identidade sexual. Para um, o modelo estimula e incentiva toda expressão sexual; para o outro, o domínio, a reclusão e a repressão (NUNES, 1997, p. 75).

Em relação ao casamento, o machismo se fazia presente. A mulher era tratada como propriedade, pois era negociada. A união era feita por fins econômicos e não por amor.

> O casamento é contrato entre senhores, à semelhança dos hebreus, e envolve o nome de família, que é transmitido pelo mesmo na procriação. De modo algum existia exigência de fidelidade conjugal. O casamento e as relações sexuais com a esposa eram um dever social, regulado por normas e prescrições. A mulher pertencia ao marido e estava proibida de outras relações sexuais, mas o marido era livre e senhor de sua conduta, não havia sanções sociais que o impedissem de ter outras relações hetero e homossexuais fora de sua casa. O casamento era um fim econômico e instância de legitimação dos herdeiros e com estes o nome, o *status* e a propriedade (NUNES, 1997, p. 71).

[1] Rejeitar ou abandonar

O sexo no matrimônio tinha por finalidade a procriação. Porém, homossexualismo era uma prática aceita pelos gregos desde que o passivo fosse um escravo ou rapaz, alguém considerado inferior como as mulheres, e o ativo alguém com status, com superioridade como homem, pois assim, representaria bem sua masculinidade, como pontua o filósofo francês Foucault:

> Para os gregos, é oposição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, por que um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono de seus prazeres – pouco importa a escolha de objeto que faça – é considerado como "feminino" (*apud* NUNES, 1997, p. 70).

Além do mais, a virgindade não era um assunto muito falado na Grécia Antiga, existia e era recomendado o uso de anticoncepcionais feitos de óleos e ervas. O prazer era algo encontrado nas prostitutas ou em relações homossexuais.

Observa-se que, na Grécia Antiga, o tema não era discutido nas escolas, a educação sexual se dava na relação familiar, destacando bem os papéis sexuais de cada um: a mulher obediente e frágil, pronta para ser mãe e, o homem, ser poderoso e forte.

1.2 IDADE MÉDIA: CRISTIANISMO

A Idade Média (Cristianismo) – do século V ao XV (476 a 1453) - foi um tempo caracterizado pela existência do vazio de conhecimento, cheio de ignorância.

À imagem da mulher tem sido atribuída a figura de pecadora; já ao homem, atribuiu-se o papel de seguidor dos ideais da Igreja. O casamento era visto como uma benção de Deus, as crianças frutos desta união, eram consideradas e tratadas como seres isolados do mundo adulto, a virgindade e celibato eram cultuados para alcançar a graça divina. O sexo fora do casamento era considerado pecado, sua finalidade era a procriação. O homossexualismo era considerado crime contra o Estado.

No centro da moral cristã nasce um novo modelo da sexualidade. O mundo cristão continua com a submissão e a desvalorização da mulher, e atribuí uma nova imagem de portadora e disseminadora do mal.

Pontua um dos maiores Doutores da Igreja, teólogo e tradutor da Bíblia para o latim, que a mulher era objeto do pecado “a mulher é “instrumento do demônio” para corromper os homens puros” (SÃO JERÔNIMO *apud* NUNES, 1997, p. 85). Só não eram consideradas objetos do pecado quando eram virgens, mães, esposas ou quando viviam no convento.

Não era bom que a mulher soubesse ler e escrever, a não ser que entrasse para vida religiosa. Uma moça deveria saber fiar e bordar. “A única educação que recebiam era a aprendizagem doméstica. Mais tarde passaram a ser enviadas pelas famílias aos conventos que eram destinados à instrução exclusivamente religiosa” (NUNES; SILVA, 2000, p.42).

A Igreja condenava até a vaidade feminina como usar maquiagens e pintar os cabelos.

“Condena todo adorno corporal e toda maquiagem das mulheres, para que estas não sejam causa de tentação para si mesma e escândalo para as outras, pois pintar os cabelos de vermelho é antecipar o fogo do inferno” (NUNES, 1997, p. 84).

O cristianismo criou um tabu em volta da menstruação, um fator biológico que para a Igreja gera a impureza da mulher. Segundo Nunes (1997), a mulher e o parceiro que mantivessem relação sexual durante o fluxo menstrual eram punidos com a morte.

Contudo, a doutrina cristã cria um novo modelo de mulher, Maria, um ideal de santidade que deveria ser seguido por todas as mulheres para alcançar a graça divina, caminho para a salvação.

> Maria de Nazaré tornou-se símbolo de virtude, por ter dado à luz sem ter de carregar a culpa herdada de Adão e Eva. Maria santa e virgem, tornou-se exemplo para toda humanidade e modelo a ser seguido pelas mulheres (CABRAL, 1995, p. 105).

Ao homem continua atribuída a imagem de um ser superior, com domínio sob a mulher, mas submisso a Deus, aceitando todas as verdades pregadas pela moral cristã. Como exemplo, pode-se citar a questão do celibato. Para o homem chegar ao paraíso deveria casar virgem, como ressalta Cabral (1995), “todo relacionamento afetivo, amoroso e sexual fora do casamento é considerado pecado contra a carne” (p. 106). Só era permitido casar-se uma vez “era consenso de toda a Igreja a permissão de um só casamento, pois

diziam os padres: o segundo será considerado adultério, o terceiro, fornicação[2] e o quarto, ignóbil[3]" (CABRAL, 1995, 106).

O casamento era uma instituição que servia apenas para reprodução humana, "era uma união, consentida e abençoada por Deus, que conferia ao mesmo tempo a indulgência[4] ao ato sexual, porém, não conferia o direito de praticá-lo sem a intenção de procriar" (CABRAL, 1995, 107).

É comum nessa época casar-se ainda criança transitando na fase da adolescência, não existia o sentimento de infância. "Era muito comum o casamento aos doze, treze ou dezenove anos, sendo que as meninas casavam-se mais cedo que os meninos. Aos quinze anos uma menina que não tivesse casado gerava problema para ela própria e para a família" (NUNES; SILVA, 2000, p.35).

A Igreja mantinha seus fiéis ligados a ela pelo medo, condenando qualquer tipo de ideia opositora. Sua intenção era formar povos ignorantes que não protestassem contra ela. A moral cristã não conseguiu enquadrar as camadas populares em sua doutrina.

> Entre as classes populares proliferavam as relações primárias, comunitárias. As casas não tinham quartos separados entre homens e mulheres. A linguagem da sexualidade era rica e picante, músicas, piadas, formas de expressão. Todo o esforço da igreja não fora capaz de enquadrar o materialismo das camadas populares. Sexo com animais, sexo entre clérigos, tudo isso era proibido e praticado (NUNES, 1997, p. 87).

O cristianismo se caracterizava por uma imensa repressão sexual em todas as suas formas, até os próprios membros da Igreja pegos em pecado eram punidos. Muitas pessoas foram queimadas, enforcadas e/ou tiveram seus genitais queimados, a Igreja não poupava. O homossexualismo era uma das questões mais preocupantes. "Todo homossexual representava um perigo para o Estado. E para que a cidade e o Estado não fossem prejudicados, ordenou que todo o infrator fosse castrado em exibição pública como exemplo aos demais" (CABRAL, 1995, p. 110).

"A sexualidade é uma qualidade má, fruto do "pecado" do homem, o casamento tem o fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora desse propósito", afirmou o

---

[2] Ilícito
[3] Desprezível, infame e sujo
[4] Perdão

Doutor da Igreja Santo Agostinho (*apud* NUNES, 1997, p. 83). Santo Agostinho escreveu outras condenações "contra a anticoncepção com drogas ou com a interrupção do ato, bem como condena as relações anais ou a felação[5]" (*apud* Nunes, 1997 p.84).

Segundo Cabral (1995), o corpo era o lugar do pecado, o prazer deveria ser excluído em absoluto, o único prazer permitido era o espiritual. A prostituição, a bigamia[6], a poligamia ou a poliandria são classificadas como costumes mundanos.

O ideal seria dominar o corpo e reprimir o sexo.

Entende-se que a forma de educação era catequizar as pessoas para uma vida Cristã, longe do pecado; cultuar a virgindade e o celibato como forma de salvação divina, desconhecer o próprio corpo era sinal de pureza.

1.3 IDADE MODERNA

A razão ganha forças nesse período, e por conta disso todos os seres humanos são iguais pela razão. É admitido que a mulher é um ser racional, porém acreditam que o homem é mais racional, podendo assim ser superior.

> A igualdade entre todos os seres humanos pela razão, também nos tempos modernos se acaba estabelecendo que o homem é superior à mulher por ser ele mais racional, ou seja, já não se busca uma razão externa no ser humano, mas uma razão nele mesmo (CABRAL, 1995, p. 130).

A figura feminina toma outro rumo na Idade Moderna, começou a conquistar novos espaços, possui a doçura, a compaixão e o amor materno que são virtudes inatas, por isso lhe cabem os serviços filantrópicos e administração do lar. Sua educação não se resume só nos fazeres domésticos, agora fazem aulas de etiqueta, para aprender como ser uma boa dama. "Com os maridos presos ao lugar de trabalho, as mulheres da classe média passavam o tempo ocupando-se com serviços filantrópicos, aprendendo etiquetas, fazendo compras e com uma série de outras frivolidades" (CABRAL, 1995, p. 137).

---

[5] Sexo oral
[6] Casar novamente, sendo legalmente casado

Enquanto, as mulheres de classe baixa eram obrigadas a trabalhar para garantir o seu sustento, para elas pouco importava o novo espaço conquistado. “Cuja sobrevivência dependia do produto de seu trabalho, como domésticas, como tecelãs nas fábricas de tecidos ou como prostitutas não havia esta preocupação obstinada pelo lugar da mulher” (CABRAL, 1995, p. 138).

A prostituição era algo tolerável. As prostitutas ganharam as ruas e as praças, haviam bordéis, e frequentar esses locais não trazia desonra alguma e ninguém os frequentava às escondidas. Cabral (1995) coloca que, o homem estaria fazendo bem à esposa, poupando-a e desviando sua excitação com outras mulheres, o que contribuiu bastante para a procura de prostitutas.

As mulheres ganham forças, passam de condição de inferioridade a de igualdade, de passiva a ativa nas relações sociais, podendo assim opinar no casamento. Segundo Cabral (1995), já não se casam mais jovens como nos tempos antigos. Mas ao homem era pedido que ao menos sustentasse uma família, enquanto às mulheres, companheiras racionais, excelentes mães para os filhos e maduras, reúnem melhores condições de se auto-afirmar, podendo opinar e participar de um casamento, e não apenas submeter-se a ele.

O discurso utilizado na Idade Média que o casamento era uma união abençoada por Deus, e por isso indissolúvel, foi sendo substituído, o pai do protestantismo Lutero retoma as ideias de divórcio recomendas por Moisés no velho testamento, como salienta Cabral (1995), se houvesse adultério, ou um mau casamento não podia ser levado adiante então era recomendado o divórcio.

O adultério tornou-se comum e inaugura-se a era dos bastardos.

> Foi no século XVIII também que o número de nascimentos ilegítimos voltou a subir. Isto significa que as relações extraconjugais, aparentemente amenizadas com o surgimento da família nuclear, não desapareceram. Este fato deve ter sido decorrente das condições de trabalho daquele período. Estas levaram os homens a permanecer muito tempo fora de casa em busca de emprego, na lavoura ou nas fábricas (CABRAL, 1995 pp. 132-133).

As crianças também são enquadradas nesse novo período, “as escolas foram concebidas de maneira nova, segregando meninas e meninos, institucionalmente separadas,

isolando as crianças novas das velhas, os ricos dos pobres" (NUNES; SILVA, 2000 pp. 24-25).

Até os setes anos de idade a criança crescia livre de regras e de compromissos sociais, podendo presenciar atos sexuais, brigas e palavras grosseiras, era vista como um adulto em miniatura, não tinha seu espaço reservado e respeitado.

> Até meados do século XVII os adultos se permitiam tudo diante das crianças. Palavras grosseiras, a própria prática de atos sexuais, situações de brigas etc., tudo era visto e assistido pelas crianças. Não havia a preocupação em "separar" ou "esconder" as coisas do mundo adulto da realidade da criança (NUNES; SILVA, 2000, p. 33).

Segundo Ariès, os adultos brincavam com os genitais das crianças e aos cinco anos era lhes explicado como os bebês eram concebidos (*apud* NUNES; SILVA, 2000).

Para Nunes e Silva (2000), a partir dos sete anos a criança entrava na escola ou começava a trabalhar, exigências feitas para as meninas e para os meninos. Não havia forma de separação de brinquedos pelo sexo, todos usufruíam de bonecas, balanços e marionetes. Ambos vestiam as mesmas roupas e tinham as mesmas orientações pedagógicas.

A medicina, no início do período, carregava crendices e preconceitos, acreditava que o homem era responsável pela procriação, que a mulher era apenas uma incubadeira, que não participava da fecundação. Que o sexo em excesso era prejudicial à saúde, e desconhecer o próprio corpo continua, sendo sinal de pureza.

No entanto, a medicina evoluiu nas pesquisas. Ao contrário da Idade Média, comprovou cientificamente "que a mulher era fértil e participava na fecundação com contribuição igual ao homem" (CABRAL, 1995, p. 133).

A descoberta do *condom* foi um grande avanço, que nos tempos de hoje é denominado camisinha, para proteção contra a sífilis, outras doenças e contracepção.

Segundo Cabral (1995), o grande anatomista italiano Falopius, para a proteção contra a sífilis, criou o condom, feito com pele de estômago de lebre, tripas de carneiro e às vezes de pele de peixe.

Quanto ao homossexualismo permaneceu sem grandes mudanças, as crueldades ainda eram reservadas aos que ousavam contrariar a lei natural imposta pelo homem.

A Idade Moderna, com todos os seus avanços científicos não abandonou as ideias passadas.

1.4 IDADE CONTEMPORÂNEA

A Idade Contemporânea ficou marcada pela luta social de largas massas femininas. Suas conquistas foram a emancipação, o direito ao voto, a participação na política, a liberdade de escolha, o direito à igualdade como seres humanos e a educação. Diante disso, a mulher conquistou um lugar privilegiado na sociedade e respeitado por todos. A mulher de hoje tem características diferentes da mulher das gerações passadas, hoje é uma super-mulher, ao mesmo tempo é profissional, mãe, dona de casa e companheira.

> Um número cada vez maior de mulheres busca instrução e trabalho num mercado que, embora ainda um pouco hostil, vai-se paulatinamente abrindo, graças ao seu denodado trabalho. Tornam-se, em número cada vez maior, financeira e emocionalmente independentes, passando a buscar não mais um macho protetor-patrocinador, como suas antecessoras de outras épocas, mas sim um companheiro com quem partilhar suas vidas, suas alegrias e tristezas, seus sucessos e fracassos. (VITIELLO, 1997, p. 22).

Freud dizia que a mulher não era inferior ao homem, mas a cultura a colocava nessa situação como afirma:

> Vitimava a mulher através do pior processo de repressão social, isto é, aquele que diz respeito ao próprio pensar. E isto convertia-se uma inferioridade intelectual, ou seja, a inibição do pensamento conseqüente da repressão sexual. Esta idéia deixa claro que, para Freud não existia uma “natureza feminina” propensa à inferioridade, mas a própria cultura a colocava numa situação desconfortável em relação aos homens (*apud* CABRAL, 1995, p. 148).

Segundo Cabral (1995), Freud concluía que o destino dado às mulheres pela cultura, em muitos casos, levava à infelicidade.

Muitos homens se encontram perdidos e frágeis emocionalmente, porque não aprenderam a repensar seus valores e o papel que devem ocupar na sociedade atual. É frequente encontrar-se homens repletos de preconceitos machistas. “Ainda que frequentemente liberais nos discursos, a grande maioria dos homens, lamentavelmente,

ainda se aferra aos preceitos e preconceitos machistas com uma teimosia espantosa, sendo na realidade repressores e reprimidos na atuação" (VITIELLO, 1997, p. 22).

É necessário que o homem mude:

> É fundamental que mude, para que possa redefinir seu papel nesse novo contexto social. É relevante que mude, que se dê o direito de expressar suas emoções, suas dores, suas alegrias e seus amores, que se permita ser sensível, sem que com isso se sinta "menos homem". É importante que baseie sua auto-apreciação não mais no "desempenho", mas na busca de felicidade. Enfim, é necessário que o homem se dê o direito de receber flores (VITIELLO, 1997, p. 24).

O casamento não tem mais a finalidade da procriação da espécie ou fins econômicos, não é uma obrigação social e sim uma escolha e, muitas vezes, uma escolha sem a benção religiosa ou regularização civil. "Já não é mais o referendum social para a sexualidade nem célula procriativa. Passa a ser um núcleo de enquadramento ideológico e em muitos casos a forma de vencer a solidão estrutural do mundo moderno" (VITIELLO, 1997, p. 63).

A virgindade não é exaltada em nossa sociedade atual, basta ver os inúmeros casos de gravidez na adolescência. A virgindade é cultuada dentro de uma religião e para quem quer servir a Deus, pois não sendo assim é uma escolha individual, que deve ser respeitada e em hipótese alguma deve ser questionada.

Para Vitiello (1997, p. 69), "se antes vivia-se o que se convencionou chamar de "tabu da virgindade", passou-se para o extremo oposto, sendo considerado, senão doentio, ao menos anormal que um jovem se case-se sem experiência sexual prévia".

O sexo tomou outro rumo, passa a ser explorado pelo capitalismo, segundo Nunes (1997), o sexo é um objeto de consumo, consumimos pessoas e coisas, a pornografia, *sexshop*, novos estímulos e motéis.

Outro aspecto relevante deste período foi a descoberta da sexualidade infantil feita pelo médico e pai da psicanálise Freud. Esta provocou grande espanto na sociedade conservadora do final do século XIX, visto que até essa época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado.

Vitiello defende que foi "Freud, que pela primeira vez afirmou a existência da sexualidade na infância, correlacionado-a com as fases de desenvolvimento da criança" (1997, p. 32). A vida sexual é um direito e não mais um pecado.

CAPÍTULO 2. CONCEITOS

Este capítulo discutirá as definições dos seguintes termos: sexo, sexualidade, educação sexual e/ou orientação sexual, permitindo esclarecer as concepções que irão nortear este trabalho.

O propósito é que os educadores tenham conhecimentos sobre os conceitos, reflitam, discutam tais conceitos, pois, muitos utilizam ou se posicionam contra sem saber com exatidão o significado e como se manifesta na realidade escolar.

2.1 SEXO

Sabe-se que o sexo durante a história da humanidade teve vários significados como mera função reprodutiva, algo impuro, sujo, uma atividade social ou até mesmo responsável por estarmos aqui. Atualmente tudo se encontra sacramentado com o apelo do sexo, tanto nas propagandas, como nas conversas corriqueiras do dia-a-dia.

Mas, afinal o que é sexo?

Para a sexóloga Marta Suplicy, sexo é um órgão genital, que determina qual gênero pertence feminino ou masculino.

> Para se matricular em uma escola, para arrumar um emprego, ou entrar em algum concurso, você tem de preencher um quadrinho, que é para identificar o seu sexo: Masculino ou Feminino.
> Essa identificação aponta para as diferenças entre o corpo do homem e o da mulher. A diferença mais visível é que o homem possui pênis e escroto, e a mulher tem vulva e vagina. Estes são os principais órgãos sexuais e determinam se você pertence a um sexo ou a outro (SUPLICY, 1998, p. 11).

Para Nunes e Silva, o sexo é uma marca biológica, “é possível entender sexo como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal” (2000, p.74).

Verifica-se que um dos significados atribuídos ao termo *Sexo* está ligado a definição das características que distinguem o homem da mulher, pelo órgão genital externo. O sexo está constituído nas sementes da vida, o espermatozóide e o óvulo carregam nas suas estruturas o masculino e o feminino.

Quando se fala em sexo muitas pessoas pensam a algo relacionado à intimidade, coisas ligadas ao prazer, e acabam até dizendo “vamos fazer sexo”?

> Acontece que, quando falamos em sexo, estamos nos referindo a alguma coisa que ultrapassa as questões de gênero, isto é, que vai além do fato de ser homem ou mulher. Geralmente nos referimos ao ato sexual, isto é, quando o homem coloca o pênis dentro da vagina da mulher. (SUPLICY, 1998, 11).

Pode-se rebater tranquilamente que sexo não se faz, já nascemos com o nosso sexo, o que se faz é o ato sexual ou relação sexual que envolve a penetração.

O dicionário define sexo como conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação à sua função reprodutora. Qualquer das duas categorias, macho ou fêmea, na qual eles se classificam.

Então, adota-se nesse trabalho o conceito da Marta Suplicy, que o termo sexo é utilizado para denominar os órgãos genitais externos que determina qual gênero pertence feminino ou masculino e a famosa frase “vamos fazer sexo” tem seu termo apropriado que é o ato sexual ou relação sexual.

2.2 SEXUALIDADE

A sexualidade é um termo amplo, que engloba inúmeros fatores como valores, costumes e tradições e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta.

Segundo Nunes e Silva (2000), a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. A sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas

capacidades instintivas. A sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, para além do determinismo naturalista, isto é, já carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica e cultural.

Diante disso, os autores mostram que a sexualidade ultrapassa os fatores biológicos, e que a cultura influência diretamente na sexualidade de cada um, e por sua vez, não necessita estar relacionado com o ato sexual.

Como mostra Suplicy:

> Mas a sexualidade envolve também os sentimentos e desejos provocados por essa união. Várias das nossas atitudes podem revelar a sexualidade: um olhar, um roçar de mãos, o jeito de andar ou falar, de mexer no cabelo, de segurar um copo, de se vestir... (1998, p. 11).

Pode-se entender que a sexualidade é muito mais que sexo, é um aspecto central da vida. Envolve papéis sexuais, erotismo, prazer, desejo pelo próximo, emoção, amor, reprodução, fantasias sexuais, crenças, atitudes, valores e comportamentos, que vão sendo aprendidos desde a infância. Além do corpo envolve a história do sujeito, relações de afetividade e cultura.

2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL

Nos dias atuais sempre se ouvi apelos de que é necessária a educação ou orientação sexual nas escolas, e isso sempre remete às dúvidas enquanto aos seus conceitos. Mas antes, deixar-se-á claro o conceito de educação e orientação que têm sentidos diferentes.

Para Vitiello “a orientação implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos o orientador ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o assim apto a descobrir novos caminhos” (1997, p. 95).

Na educação acontece um processo diferente, “educar, no sentido mais amplo, significa “formar”, não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente” (VITIELLO, 1997, p. 95).

Nota-se que na educação o educando a partir do que aprendeu faz as suas escolhas, a educação ajuda na formação do indivíduo, já a orientação, o educando necessita de um norteador, alguém que auxilie na busca de suas escolhas, mostrando opções diferentes.

Mas, toda educação começa desde o nascimento, porque é no seio da família que são transmitidas às crianças as primeiras noções e valores referentes à sexualidade.

Segundo Werebe "a educação sexual compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade" (1998, p. 139).

Sayão também confirma a presença da educação sexual desde o nascimento:

> A educação ocorre, na verdade, desde o nascimento. São predominante no território familiar, da intimidade, que são transmitidas à criança as primeiras noções e valores associados à sexualidade, em geral não explicitamente. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de recomendações, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem tudo isso transmite os valores que a criança incorpora (*apud* AQUINO, 1997, p. 112).

Esse processo de educação sexual que começa no seio da família é caracterizado por informal ou asistemática[7].

> Uma educação sexual feita de maneira informal e espontânea, sem planos rigidamente estabelecidos, é aquela propiciada pela família e por outras estruturas sociais, como as religiões, por exemplo. Nesse tipo de educação busca-se que as pessoas passem a ter um comportamento assumido por imitação. Sem entrar na discussão mérito desse tipo de educação, se é boa ou se é má, certa ou errada, e nem mesmo em seu valor intrínseco[8], o fato é que, queiramos ou não, todos somos a ela submetidos. Aliás, na atualidade, os meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, tem sido um importante papel como formadores de comportamentos os mais diversos, inclusive sexuais, tendo por isso mesmo um papel de relevo nesse tipo de educação asistemática (VITIELLO, 1997, p. 101).

Pode-se salientar que esse tipo de educação acontece de forma natural e sem planejamento, em que é passado valores, crenças e formas de comportamentos ao longo do processo de construção do sujeito, em contado com os familiares, e a sociedade, não

[7] Não segue um sistema, aprende no convívio familiar, social fora do âmbito escolar.
[8] Íntimo

podendo deixar de destacar os meios de comunicações de massas que também manifestam a sexualidade.

Porém, a educação sexual atua no campo formal, intencional de forma sistemática[9], como fundamenta Werebe:

> A educação sexual intencional compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual. Estas intervenções podem-se destinar as crianças, adolescentes e adultos e se realizarem dentro e fora do âmbito escolar. Seus objetivos são vários, e é a partir deles que se define seu conteúdo, sua pedagogia. A educação sexual intencional não se exerce sobre seres "virgens" em matéria de informação e vivência sexuais. Quando o aluno recebe esta educação na escola, já foi marcado pelas influências que recebeu na família e em todas as situações de vida cotidiana dentro da sociedade. Traz consigo idéias corretas, incompletas ou falsas sobre a sexualidade, bem como opiniões e valores neste domínio. E é a partir dos conhecimentos e idéias que as crianças e jovens possuem que as intervenções deliberadas devem se orientar (1998, p. 155).

A educação sexual intencional ou formal atua de maneira sistemática, existindo todo um planejamento. Como se sabe os alunos carregam uma bagagem que foi construída no convívio com a família e a sociedade, e é a partir destes conhecimentos que se deve levá-los a refletir e questionar.

Segundo o Guia de orientação sexual[10], "a orientação sexual se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamento sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais" (2005, p. 26).

Para o PCN[11] de orientação sexual, cabe a escola abordar os diversos pontos de vistas, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão.

Entretanto, a educação sexual e/ou orientação sexual que se observa no cotidiano escolar preocupam-se com o ensino que apenas foca a biologia e fisiologia, deixando o assunto para ser trabalhado somente pela disciplina de Ciências, pois na verdade a

---

[9] Tem objetivos, metodologias, intervenções e planejamento no âmbito escolar.
[10] Guia que norteia o professor para o trabalho com a orientação sexual, possui vários autores dentre eles Marta Suplicy em parceria com GTPOS, ABIA e ECOS.
[11] Parâmetros Curriculares Nacionais é uma proposta de 1ª. A 4ª séries do ensino fundamental, elaborado pelo MEC que contemplam 11 volumes.

dimensão da sexualidade não está vinculada apenas ao aspecto biológico, como já foi dito anteriormente.

> Muitas escolas, atentas para a necessidade de trabalhar com essa temática em seus conteúdos formais, incluem aparelho reprodutivo no currículo de Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo (PCN: ORIENTAÇÃO SEXUAL, 2001, p. 113).

No entanto, a escola nem sempre se envolve no tema com a intensidade necessária e muitas vezes, quando o faz, é de modo técnico e reducionista, atendo às questões biológicas da reprodução.

Como afirma Vitiello, “tendem por isso a só falar da biologia da reprodução, pois de fato é muito mais cômodo explicar que o espermatozóide sobe pela trompa e fecunda o óvulo, do que falar sobre como aquele espermatozóide foi parar ali” (1997, p. 52).

A educação e/ou orientação sexual são muito mais amplas, pois, referem-se às questões da razão, dos sentimentos, sendo também uma questão cultural e histórica.

Segundo o Guia de Orientação Sexual, tem que trabalhar as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais.

> A orientação sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva, comportamental incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões (2005, p. 26).

Expressa Nunes (1997), o ideal de educação sexual é abrir possibilidades, dar informação sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúdica de consciência. É dar condições para o desenvolvimento continuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal.

Podendo, assim, falar de uma educação emancipatória, a qual relata Nunes e Silva:

> Uma educação sexual emancipatória busca identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações. Visa educar para a compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero, de modo a representar homens e mulheres, masculino e feminino, como formas psicohistóricas da condição humana, iguais em sua potencialidade de *hominização*[12] e humanização e diferentes em suas expressões culturais, subjetivas e ontológicas[13] (2000, p. 71).

Tanto a orientação como à educação sexual não desvaloriza o ensino da anatomia e da fisiologia, porém deve transcender a biologia da reprodução; visando promover a superação de preconceitos, tabus e estereótipos. Investindo na construção de um novo conceito de sexualidade, sem medo, sem vergonha, como algo prazeroso e responsável.

E de que forma são feitas a educação e orientação sexual, o que implicam as suas metodologias?

Para Vitelo (1997), a metodologia usada na educação sexual é aula, com dinâmica, discussão em grupos, cujo tema pode ser escolhido pelos próprios educandos, que muitas vezes têm necessidades de conhecimentos diferentes daqueles que os adultos julgam prioritários, e o aconselhamento ou orientação individual se for necessário.

Segundo o PCN de orientação sexual (2001), por meio de diálogo, deve discutir tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, e assim, o aluno conseguirá transformar ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

É abordada no PCN que não é necessário uma disciplina específica, mas que diante de um comportamento, ou situação que os alunos relatam, abra um espaço para ser discutido à sexualidade. É preciso fazer intervenções em qualquer disciplina ou momentos oportunos.

> O trabalho de orientação sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados[14] nas diferentes áreas do currículo, extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (PCN: ORIENTAÇÃO SEXUAL, 2001, p. 129).

---

[12] Processo evolutivo
[13] Do ser enquanto ser
[14] Ver no documento de Apresentação dos Temas Transversais.

A educação sexual tem por objetivo “promover a felicidade, preparando as pessoas para usarem de maneira responsável sua liberdade, sendo assim um agente de promoção da felicidade individual e coletiva” (VITIELLO, 1997, p.100).

Na orientação sexual, o PCN aborda que o objetivo é promover o bem-estar e a saúde de todos.

Nota-se que a educação sexual e orientação sexual têm os mesmos pressupostos enquanto sistemática, alguns pesquisadores preferem orientação pelo fato de “quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas” (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL, 2005, p. 26).

Outros, no entanto, dizem que o correto é educação sexual por designar uma prática educativa.

> A expressão educação sexual parece ser a mais indicada para designar a prática educativa intencional em matéria de sexualidade. Alguns educadores optam pela expressão orientação sexual que, a meu ver, se presta a ambigüidade, podendo ser interpretado como a orientação que a pessoa imprime à sua sexualidade e que pode ser homossexual, heterossexual ou bissexual (WEREBE, 1998, p. 155).

Portanto, observa-se que a educação sexual e orientação sexual têm sentidos diferentes isolados da sexualidade, dentro da sexualidade, ambas propõem as mesmas coisas no sentido sistemático, esclarecem às duvidas, conscientizam, fazem o sujeito refletir e questionar os tabus, crendices, valores, formas de comportamentos e regras a respeito da sexualidade. Trabalham não só com o biológico e o fisiológico, mas, ultrapassam trabalhando a história do sujeito, o psicológico, o social e o cultural.

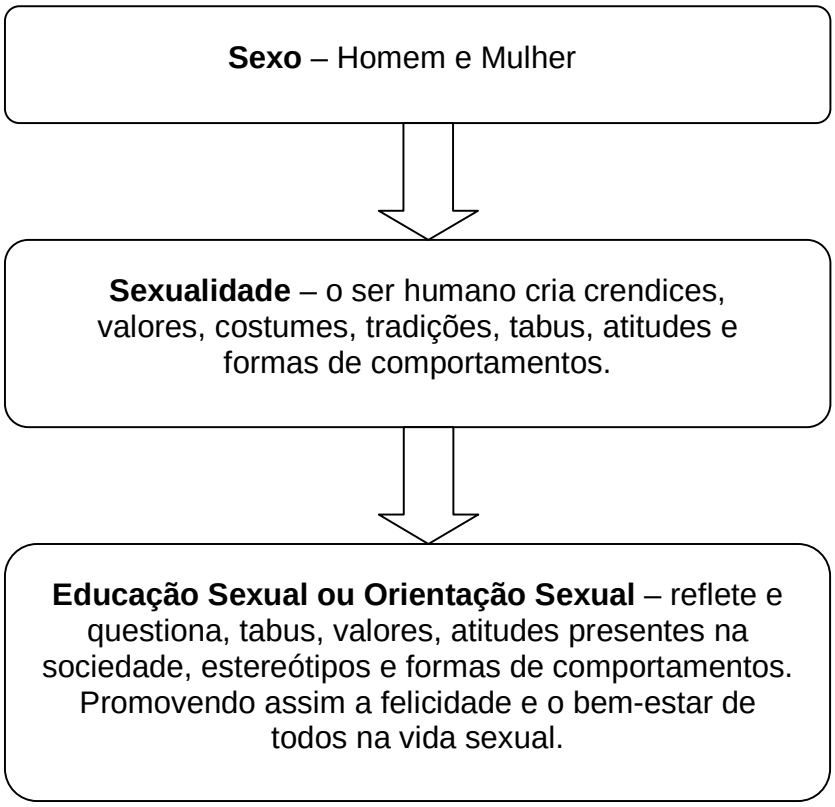
Tendem a fornecer o bem-estar e saúde a todos que é a garantia de felicidade plena dentro da vida sexual individual e coletiva, afetividade e respeito ao próximo, para assim, poder criar um novo modelo de sexualidade superando estereótipos e preconceitos decorrentes da civilização.

O que de fato se quer deixar claro é que a educação sexual e orientação sexual encontrada nos livros têm o mesmo caráter na forma sistemáticas dentro do âmbito escolar,

o que diferencia é que a educação sexual começa no seio da família e a orientação no espaço escolar com pessoas esclarecidas.

Em vários países por causa dessa dificuldade de saber se designa a mesma coisa, o termo escolhido e oficializado foi à educação sexual.

Sendo assim, considera-se para o presente trabalho que a educação sexual é um caminho que pode levar os alunos a fazerem escolhas sobre sua sexualidade, buscando, assim, sua felicidade, e sua realização pessoal.



Fonte: Denise Diório

CAPÍTULO 3. DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE 0 A 6 ANOS

Este capítulo abordar sobre o desenvolvimento sexual que é denominado por Freud: as fases oral, anal, fálica, o período de latência e a fase genital, descobertas a mais de um século, que escandalizou a sociedade conservadora da época, afirmando a existência da sexualidade infantil. Mas, o foco deste trabalho são as três primeiras fases que correspondem com a faixa-etária de 0 a 6 anos.

O objetivo deste capítulo é mostrar e discutir que a sexualidade infantil não está conectada somente aos órgãos genitais e muito menos à relação sexual. A sexualidade infantil é diferente da sexualidade adulta em muitos aspectos, a sexualidade da criança não se trata da erotização, mas da curiosidade com o sexo.

Os educadores têm que ter consciência de que as crianças são seres sexuados e apresenta um desenvolvimento sexual desde os primeiros anos de vida, e não deve negá-lo e muito menos reprimí-lo. Por tanto, torna-se necessário ao educador conhecer as fases do desenvolvimento sexual infantil para compreender e auxiliar melhor no desenvolvimento do seu aluno com um todo.

3.1 FASE ORAL

Esta fase compreende a faixa etária de 0 aos 18 meses, aproximadamente, é caracterizada pela manifestação da energia sexual pela boca. “Nesta fase, há uma grande satisfação libidinosa em todas as atividades (morder, sorrir, chorar, sugar) oriundas na atividade oral” (NUNES; SILVA, 2000, p. 85). Sendo assim, é comum observamos que os bebês levam tudo a boca, as mãozinhas, brinquedos, por exemplo.

Ao sair do útero, o bebê precisa enfrentar o mundo, nesse momento a estrutura sensorial mais desenvolvida é a boca. Como afirma Silva: “Quando nascemos, nossa

percepção é toda sensorial e nosso corpo também. É pelo corpo que sentimos o mundo" (2007, p. 18).

O contato com o mundo começa pela boca através do seio materno, que lhe proporciona a sensação de prazer por saciar a sua fome. A criança conscientiza dos prazeres causados pelos contatos orais:

> A fome é uma força propulsora primária e, como é satisfeita pela boca, a criança imediatamente se torna consciente do prazer dos contatos orais. Nada sabe sobre beijo, mas conhece o prazer que advém quando suga o seio e o leite quente corre para sua boca" (PETERS, 1985, p. 03).

À medida que o bebê cresce, começa levar outras coisas à boca, como as mãos e os pés. Aos poucos vai tentando saborear outros objetos e até mesmo pessoas, na tentativa de conhecer e descobrir melhor o mundo.

> Para um bebê, o sugar está presente tanto nos momentos em que mama ou é alimentado, como quando leva à boca objetos que estão ao seu alcance ou partes de seu corpo. Nesse contexto, a mordida pode ser entendida, também, como uma ação sobre o meio" (RCN/EI[15]:FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL, 1998, p. 18).

O desenvolvimento da sexualidade humana começa com o contato físico, quando o bebê é acariciado, tocado e segurado. Ele precisa se sentir amado, pois assim, terá mais chances de amadurecer a capacidade de ter intimidade física e gozo. O contato físico é uma das mais potentes vozes do amor.

> O desenvolvimento da sexualidade humana começa com o contato físico, quando os bebês são segurados, afagados e acariciados. Eles precisam ter a experiência prolongada de se sentir aconchegados, e esse carinho, além do transmitido pelos pais, pode vir também de outras pessoas: avós, irmãos, ou babá.
> A capacidade erótica do ser humano começa a se desenvolver nos primeiros meses de vida. O bebê que é acariciado, tocado, tem muito mais chance de amadurecer a capacidade de ter intimidade física e gozo do que aquele cujos pais receiam tocar (SUPLICY, 1990, pp. 38-39).

Da mesma forma que coloca seus pés e mãos à boca, vira-se de um lado para o outro, a criança antes de completar um ano, sente a necessidade de tocar o próprio corpo. A

[15] Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, um conjunto de reflexões de cunho educacional, elaborado pelo MEC que contemplam 3 volumes.

criança está interagindo com o mundo, quando explora o seu corpo. A exploração é normal, saudável e essencial.

Segundo Suplicy (1990), as meninas estimulam a vulva e o clitóris pressionando as coxas uma contra a outra, já os meninos descobrem o prazer sexual um pouco mais tarde que as meninas, pois precisam de coordenação motora para encontrar o pênis com a mão.

A autora também relata as ereções espontâneas, devido ao toque leve, a atividade de trocar e de limpar, na menina e no menino, que surpreendem as mães, as professoras e as babás.

> Ao ser alimentado ou cuidado, é comum o bebê do sexo feminino ter ereção do clitóris, acompanhada de lubrificação vaginal; o bebê do sexo masculino tem ereção do pênis. Olhos, pele, boca, paladar, olfato e órgãos genitais integram um complexo nervoso, que tem conexões com o centro sexual do cérebro, responsável pela reação involuntária de excitação. Por isso a sucção ou o contato da pele podem provocar a ereção, que é uma resposta ao prazer sexual. Essas primeiras experiências são fundamentais para o desenvolvimento sadio da criança e não tem a mesma conotação que uma resposta sexual teria num adulto (SUPLICY, 1990, pp. 41-42).

Além de manipularem seus órgãos genitais com as mãos, a criança com um pouco mais de um ano utiliza outros métodos. Ressalta Suplicy “Às vezes as crianças se estimulam friccionando o corpo contra outra pessoa ou alguma almofada ou sofá. É uma brincadeira natural, praticada por um grande número de crianças em algum momento de sua evolução.” (1990, p. 42).

A sexualidade nessa fase é marcada pelo prazer oral. É pela boca que a criança entra em contado com o mundo, e por essa razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca. A descoberta do seu corpo através da exploração, e as ereções fazem parte do desenvolvimento sexual.

3.2 FASE ANAL

A próxima fase do desenvolvimento sexual infantil é denominada de *Fase Anal* compreende crianças na faixa etária de 1 a 3 anos. À medida que a criança cresce, novas áreas de tensão e gratificação são trazidas à consciência. Nessa fase a zona de maior satisfação é a região do ânus.

Este período é caracterizado pela “internalização e educação das normas de controle do intestino, em que a criança sente prazer em produzir as fezes e urina” (NUNES; SILVA, 2000, p. 85).

O controle dos esfíncteres gera grande prazer na criança, pois as fezes e a urina representam suas primeiras produções.

Para Suplicy (1990), por volta dos dois anos a criança começa a ser treinada para controlar as fezes. Ela se encanta com o produto do seu corpo, e já sabe que deve ser depositado no vaso sanitário. Nessa idade a criança gosta de brincar com suas fezes e tem prazer em defecar. Ela também gosta de apreciar o que fez e sente orgulho de sua produção.

A autora ainda alerta aos leitores que não precisam se preocupar com a manipulação das fezes pela criança, pois ela é imune aos próprios germes.

O fato de uma criança conseguir controlar suas fezes significa mais um ganho na sua autonomia, o controle dos esfíncteres possibilita ao sujeito ter controle sobre si.

> As vivências da fase anal oferecem à criança a primeira possibilidade de controle ativo, sobre si mesma e também sobre o mundo que a rodeia, por meio dos produtos que ela consegue identificar como seus. Está nessas experiências a origem da construção da autonomia” (SILVA, 2007, p. 54).

Outra forma de manifestação do desenvolvimento sexual desta faixa- etária é o brincar de faz de conta. É muito comum observar-se um impulso muito forte da imitação. Basta ver as brincadeiras de papai e mamãe.

> A menina brinca de ser como a mamãe ou, no caso do menino, de ser como o papai; contudo, às vezes os papéis se invertem. As meninas são mães de famílias e têm filhos de quem cuidar nas brincadeiras e os meninos têm atividades masculinas. Os meninos também brincam de fazer trabalhos domésticos ou de ter bonecas como bebês e as meninas de serem como o pai. Na maioria das meninas há características de garoto travesso, e existem traços femininos nos meninos. Praticamente todas as crianças passam por fase de querer ser do outro sexo (SILVA, 2007, p. 58).

A criança gosta de explorar o outro sexo, é normal que a criança queira experimentar brinquedos que não têm, por não pertencer aquele sexo. Quando a criança age assim, está apenas querendo conhecer e explorar, e isso fazem parte de seu desenvolvimento.

> A identidade sexual se constrói progressivamente. Para compreender-se a si mesmo como menino ou menina, a criança, dos três aos seis anos, precisa explorar o mundo pelo lado do sexo oposto. Durante algum tempo, ela será atraída indiferentemente pelos brinquedos e até pelas maneiras do outro sexo (ETIENNE; IFERGAN, 2001, p. 173).

Com três anos a criança está livre das fraldas, e começa a ter curiosidade pelos seus órgãos, ao tocá-los percebe que sente prazer. Então surge o interesse de conhecer o corpo do outro.

> Outra conseqüência que decorre do controle esfincteriano é o favorecimento da exploração dos órgãos genitais, antes escondidos pelas fraldas. Aumenta a curiosidade por seus próprios órgãos, podendo entregar-se a manipulações por meio das quais pesquisam as sensações e o prazer que produzem. Paralelamente, cresce também o interesse pelos órgãos das outras crianças que também podem se tornar objeto de manipulação e de exploração, em interações sociais dos mais diversos tipos: na hora do banho, em brincadeiras de médico etc. (RCN/EI: FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL, 1998, p. 18).

Segundo Suplicy (1990), as meninas nessa idade querem experimentar fazer xixi em várias posições, perguntam por que seu corpo não é igual ao do menino.

Segundo Silva (2007), coloca que as crianças entre dois e três anos, erguem suas blusas ou levantam suas roupas e ficam se olhando ou mostrando a barriga, genitais, uns aos outro.

Com a aquisição da linguagem, a criança entre dois e três anos começa a fazer suas primeiras perguntas a respeito da sexualidade. Como exemplo, citaremos algumas perguntas feitas pela criança, destacadas por Suplicy (1990):

- *Papai, por que o seu é grande e o meu é pequeno?*
- *Por que a mamãe faz xixi sentada e eu em pé?*
- *Onde está o seu pipi?* (pergunta a menina)
- *Por que você não me deixa fazer xixi na banheira?*
- *Por que não posso fazer cocô na calça ou no chão?*

Portanto, verifica-se que a sexualidade nessa fase é marcada pelo controle dos esfíncteres, sendo que a maior zona de satisfação é a região do ânus. Essa fase representa

o início da autonomia da criança, propiciando a descoberta pelos órgãos sexuais, a exploração do sexo oposto e as primeiras perguntas a respeito da sexualidade.

3.3 FASE FÁLICA

É a fase que acontece dos 3 aos 6 anos, nesta etapa do desenvolvimento sexual a atenção é voltada para a região genital. O menino descobre o pênis e suas funções e quer saber por que a menina não tem. A menina pensa que o pênis lhe foi cortado. Assim, as curiosidades sexuais surgem. Como salienta Nunes e Silva:

> Coincide com a descoberta dos órgãos sexuais, manipulação e prazer neste exercício, das diferenças sexuais e do afloramento da questão edipiana. Freud aponta aqui a época das descobertas das diferenças genitais, na qual o menino seria diferentemente identificado com a sociedade patriarcal através da descoberta do "pênis" e sua simbologia e a menina experimentaria a "castração" simbólica, geradora de ansiedade, a base das sublimações, pela descoberta da "ausência" do "pênis" (2000, p. 86).

Dos três aos cinco anos, a maioria das meninas e meninos vai atravessar um período chamado complexo de Édipo. A criança sente desejo pelo sexo oposto no ambiente familiar.

> Acontece entre 3 e 5 anos, durante a fase fálica. No complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino, e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado. Ele procura então ser o pai para "ter" a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna. Posteriormente, por medo da perda do amor do pai, "desiste" da mãe, isto é, a mãe é "trocada" pela riqueza do mundo social e cultural, e o garoto pode, então, participar do mundo social, pois tem suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai. Este processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2003, pp. 75-76).

A criança de três e quatro anos desenvolve os jogos sexuais infantis, que correspondem a brincadeiras de tocar a si e ao outro. Mas, essas brincadeiras serão alvos de repressão quando estiverem relacionadas aos órgãos genitais.

> As crianças de 3-4 anos gostam de brincar de fazer cócegas, tocar os próprios genitais e os dos outros. Estas brincadeiras ocorrem entre irmãos, primos, amiguinhos e vizinhos. Nessa idade as brincadeiras de médico, de papai-mamãe e outras já fazem parte do desenvolvimento da sexualidade, e continuarão até a criança completar 5-6 anos (SUPLICY, 1990, p. 57)

Nessa mesma idade a criança pergunta muitas coisas relacionadas a sexualidade, na tentativa de entender a si e ao mundo.

Para Suplicy (1990) as perguntas comuns, que podem ser feitas por crianças de três e quatro anos são:

- *Posso fazer xixi de pé?* (pergunta a menina)
- *Por que o meu pênis é diferente do seu?*
- *O que é isto embaixo do meu pênis?*
- *Por que meu pênis ficou duro? Tem osso dentro?*
- *E meninas também têm pipi que fica duro?*
- *Posso mexer no pipi do papai ou da mamãe?*
- *E a mamãe e o papai podem brincar de se tocar?*
- *E o que é relação sexual? Como se faz amor?*
- *Por onde saem os bebês?* (frequentemente essa pergunta vem antes de "como entraram")
- *Para que serve o umbigo?*
- *O bebê fica na barriga da mamãe?*
- *A mãe pode escolher ter menino ou menina?*
- *Quanto tempo o bebê demora para sair da mãe?*
- *E para sair, demora muito?*
- *Onde eu estava antes de entrar na sua barriga?*
- *O Carlinhos disse que se ele ficar bem perto de mim e fizer xixi eu posso ter um bebê. É verdade?*
- *O que é filho adotivo?*
- *Posso mamar em você com faz o nenê?*

Segundo Gesell (1998), a criança de três anos, tem desejo de observar o corpo do outro, ou de tocar-lhes, principalmente o seio da mãe. Em suas brincadeiras não há distinção de sexo.

O autor também relata que a criança de quatro anos, pode brincar de “exibir”, de dizer palavrões relacionados com sexo. Tem interesse pelos banheiros dos outros, e pode exigir que a deixem só quando tem de ir ao banheiro.

Aos cinco anos a criança já possui um vocabulário variado, usa frases corretas e complexas, deseja se apropriar do sentido das coisas, do sentido da vida e do sentido sexual.

Segundo Suplicy (1990) as perguntas geralmente feitas pelas crianças dessa idade são:

- De onde vêm os bebês?

- O que é espermatozóide?

- O papai pode ter um bebê dentro dele?

- Uma menina pode ter um bebê?

- Uma mulher pode ter um bebê sem casar?

- Pode por um lápis na vagina?

- O que quer dizer “filho da puta”?

- O que é camisinha?

- O que é Aids?

Para Gesell (1998, p. 62) a criança de cinco anos:

> É raro a criança de 5 anos brincar de “mostrar”, exibindo as nádegas e os órgãos genitais. Tornou-se, de fato, bastante recatada, especialmente em despir-se na presença de estranhos. Pode mesmo manifestar esse recato diante da empregada ou de irmão mais novo. Presta atenção aos órgãos genitais alheios, quando estiverem expostos, como também aos caracteres sexuais secundários, como os pelos do púbis ou os seios. Embora saiba que os sexos se distinguem pelos órgãos sexuais, mostra ainda tendência para distinguir os meninos das meninas pelo corte do cabelo ou pelo nome. Mantém-se ainda, na mente de algumas crianças de 5 anos, uma certa perplexidade pelo fato da irmã não ter um pênis ou de o pai não ter seios. Algumas crianças podem exprimir o desejo de pertencer ao sexo oposto. Outras afirmam o seu próprio sexo pondo de lado aqueles dos seus brinquedos que se relacionem com o sexo oposto. Assim, por exemplo, os meninos podem recusar-se energicamente a brincar com brinquedos femininos, como bonecas ou tábuas de passar.

Aos seis anos, a criança amplia suas perguntas em matéria de sexo, não está a fim de saber como nascem os bebês, ou sobre a identidade sexual, quer realmente saber além de como se faz os bebês.

Para Suplicy (1990) as perguntas comuns que as crianças nessa idade podem fazer são:

- Por que meu pênis é tão pequeno?

- Como é que se beija?

- Por que o cachorro fica em cima da cadela?

- E a mulher fazer amor quando está grávida não machuca o bebê?

- O que é estupro?

- O que é bicha?

- Como o homossexual faz amor?

Segundo Gesell (1998), a criança desta idade ri das palavras relacionadas com o banheiro, como “xixi” e “pipi”. Os meninos têm tendências de exibirem seus genitais, as meninas mais recatadas têm tendências de tirar as calcinhas das crianças mais novas. Já entende que é preciso respeitar a privacidade do outro, assim estabelece a regra de que só pode ir ao banheiro uma criança de cada vez.

O desenvolvimento sexual nessa fase é marcado pelo prazer genital. Faz parte do desenvolvimento sexual à compreensão das diferenças sexuais, jogos sexuais e entendem que o objeto de prazer é do sexo oposto.

Com quase sete anos, a criança entra na fase denominada de período de latência que dura aproximadamente até os nove anos de idade. É um período caracterizado pela ausência de manifestações acerca da sexualidade, o prazer por conhecer o corpo do outro, pelos órgãos sexuais e as curiosidades sobre o sexo são transformadas em atividades artísticas, escolares, sociais e esportivas.

“O período de latência (6 a 9 anos) – no qual o impulso sexual sofre diminuição ocorrendo maior ênfase nos aspectos de sociabilidade, gregarismo e descobertas intelectuais” (NUNES; SILVA, 2000, p. 86).

A última fase denominada por Freud é a fase genital, tem início juntamente com a puberdade e é marcada pela retomada dos impulsos sexuais e também pelas mudanças físicas, psicológicas e novas descobertas. O adolescente perde a identidade infantil e começa a construir e desenvolver, pouco a pouco, a identidade adulta.

> A fase genital – que se inicia por volta dos 10 anos, passando por transformações corporais, biológicas, afetivas e sociais que culminam na adolescência. É um período de maturidade psíquica a organização das estruturas da psique, anteriormente consolidadas em experiências de tensão entre o “principio do prazer” e o “princípio da realidade”, identificado no trabalho (NUNES; SILVA, 2000, p. 86).

CAPÍTULO 4. SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Sabe-se que o desenvolvimento sexual está presente desde os primeiros anos de vida da criança e perdura até o fim da existência do sujeito, como afirma o capítulo anterior. A criança passa muito mais tempo no âmbito escolar, e é natural que nas relações sociais a criança manifeste a sexualidade. Quando os educadores deparam-se com as manifestações sexuais, ficam horrorizados, pois, não estão preparados para encarar esse fato.

A manifestação da sexualidade infantil, não se trata de uma erotização, mas da curiosidade com o sexo, trata-se do interesse pelas diferenças entre o homem e a mulher. E é necessário que os educadores tomem consciência de que as manifestações da sexualidade infantil constituem-se em aspectos naturais e integrantes do desenvolvimento humano.

Pensando nisso, este capítulo aborda as manifestações da sexualidade na educação infantil e como o educador pode intervir sem ser especialista, e com ausência de material didático.

4.1 MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Por volta dos dois e três anos a criança é naturalmente curiosa a respeito do outro sexo e nada escapa aos seus olhares. Se essa curiosidade não for satisfeita em casa e na escola que irá se manifestar.

> Pouco depois dos 2 anos, a identidade sexual é a questão que mais interessa. Geralmente as crianças se satisfazem olhando os irmãos e eventualmente os pais, sem roupa. Mas, quando isso não é possível em casa, será na escola que tentarão obter esta informação; é muito comum as crianças irem juntas ao banheiro para se olhar, se tocar, se conhecer e se descobrir.
> Esse interesse é próprio da idade, permanece até cerca de 3 anos e meio, e pode ser satisfeito com desenhos ou com bonecas e bonecos em que apareçam os órgãos sexuais (SUPLICY, 1990, p. 73).

Segundo Nunes e Silva (2000) denominam a curiosidade de *observacionismo,* esta atitude quer tipificar aquela ansiedade em ver, apalpar, conhecer as identidades sexuais/genitais de outros. Na escola, menino espia a menina no banheiro, observa a cor da calcinha, levanta as saias e procura ver os genitais dos outros.

Os autores também afirmam que está prática é frequente em meninos, principalmente aqueles que ainda têm dúvidas das diferenças sexuais.

Tocar os órgãos sexuais e experimentar sensações diferentes e gostosas são atividades que podem ocorrem desde alguns meses de vida, e deixa todos os educadores de cabelo em pé.

> Uma das primeiras situações vivenciadas pelos educadores na observação das manifestações da sexualidade das crianças é a prática da *manipulação dos órgãos sexuais*. Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza ao redor dos três ou quatro anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. A manipulação dos órgãos genitais proporciona intensa experiência de prazer para a criança (NUNES; SILVA, 2000, p. 77).

A manipulação das meninas “manifesta-se no toque genital ou no auxílio de objetos, brinquedos, posições que provoquem estímulos prazerosos” (NUNES; SILVA, 2000, p. 77).

Segundo Nunes e Silva (2000), não pode confundir a masturbação com a manipulação dos órgãos sexuais. A masturbação é quando a pessoa tem a intenção de ter prazer, já a manipulação não tem uma intenção, é uma exploração inconsciente, compreendida como uma descoberta do próprio corpo.

Quando a manipulação é frequente, geralmente pode ser sintoma de que a criança não consegue encontrar prazer nas brincadeiras, atividades escolares ou no relacionamento com outras crianças.

> Masturbar-se em público, ou obsessivamente, deve ser entendido pelos pais com um alerta. Muitas vezes esse comportamento significa que necessidades afetivas da criança não estão sendo supridas pelos adultos. É como se ela dissesse: “Vocês não estão ligando para mim, então eu me cuido e me dou prazer sozinha”. Essa postura é bem diferente do caráter exploratório e prazeroso da masturbação (SUPLICY, 1990, p. 44).

A criança descobre o prazer de dizer palavras referentes a partes do corpo, principalmente abaixo da cintura. Apesar de ainda não ter a menor ideia do significado do que fala, já consegue perceber o impacto que a simples menção dessa palavra pode causar.

Segundo Suplicy (1990), pode-se dizer que a escola é o lugar do palavrão. Por volta dos 3-4 anos as crianças estão muito interessadas no que ocorre nos banheiros e em falar palavras ligadas ao corpo ou à sexualidade. É comum ficarem dizendo “cocô, bunda, pipi, merda”.

> Estas palavras revelam muito mais o prazer do interdito e a vingança impessoal das sanções impostas, do que o conhecimento e alcance do sentido propriamente sexual do que se fala ou expressa. A criança quase sempre desconhece o sentido pleno das palavras que freqüentemente repete (NUNES; SILVA, 2000, p. 99).

Outra manifestação sexual que ocorre na escola são os jogos sexuais, as crianças estão se preparando para viver o papel que os adultos desempenham na sociedade e normalmente imitam pai e mãe.

“Os professores constatam que em geral os jogos sexuais são realizados na hora do recreio. As crianças escolhem um lugar protegido, fora da vista do adulto; não tiram a roupa, e brincam de médico, de papai e mamãe” (SUPLICY, 1990, p. 76).

Segundo Nunes e Silva (2000) os jogos sexuais acontece na faixa-etária de três, quatro e cinco anos, a brincadeira de papai e mamãe é realizado individual ou em grupo. Essa brincadeira mais tarde se manifestará nos desenhos e figuras humanas com caracteres sexuais destacados.

Ao atingir a fase fálica a criança descobre o sexo e passa a se interessar por ele. Nesse período ocorre a manifestação de exibi-los ao público do sexo oposto. “Na fase dos 5-6 anos o garoto fará a brincadeira de tirar a própria calça e exibir os órgãos sexuais” (SUPLICY, 1990, pp. 73-74).

Pode-se afirmar que são fases superáveis, não existe uma intenção maldosa por parte da criança.

> Exibição dos órgãos sexuais, geralmente mais freqüente nos meninos, o objetivo é causar espanto, prazer e medo. É também um jogo que tem mais significado se entendermos a “vontade” de chamar atenção do grupo ou dos adultos. Quase sempre

> é uma ação reproduzindo outro universo de vivência e significação (NUNES; SILVA, 2000, pp. 100-101).

Outra manifestação que acontece no espaço escolar são brincadeiras estranhas para a idade da criança, quando isso estiver acontecendo a criança deve estar sofrendo abuso sexual.

> Algumas professoras já enfrentam situações em que um aluno incentiva um colega bem mais jovem a fazer brincadeiras sexuais (como colocar o pênis na boca do menor). Outras vezes é o pequeno que propõe aos coleguinhas brincadeiras estranhas à sua idade (SUPLICY, 1990, p. 76).

A autora complementa dizendo que a criança vítima de abuso sexual tem maneira diferente de relacionar-se com o professor, torna-se desconfiada, tensa, e mais retraída do que habitualmente.

Uma das manifestações mais comum durante a infância, é a criança se interessar por brinquedos ou até mesmo atitudes do sexo oposto. Acontece que muitos educadores acabam rotulando a criança de homossexual.

> Alguns professores logo pensam em homossexualidade quando vêem dois meninos envolvidos em jogos sexuais ou duas meninas de mãos dadas. Pois saibam que a homossexualidade está mais na cabeça dos adultos do que na das crianças.
> Ser homossexual é um caminho complexo, com muitos fatos desconhecidos pela ciência, e que certamente tem mais a ver com a relação afetiva da criança com seus pais do que com qualquer brincadeira infantil (SUPLICY, 1990, p. 77).

E a última manifestação da sexualidade no espaço escolar, expressa aqui são as perguntas que permeia toda a infância. Ocorre em toda a faixa-etária, às vezes as perguntas são sempre as mesmas, o que muda são os graus de complexidades e absorção feitas pela criança.

4.2 SUGESTÕES PARA AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS

A criança quando tem curiosidade, significa que ela ainda tem dúvidas sobre as diferenças sexuais.

Segundo Suplicy (1990), os pais podem satisfazer a curiosidade em casa, para que não se manifestem na escola. Os pais que não sentem vergonha podem tomar banho junto com a criança, para que ela perceba as diferenças sexuais, ou se não sentirem à vontade podem mostrar bonecos em que apareça órgãos sexuais ou utilizar desenhos.

A autora ainda comenta se isso ocorrer em sala de aula "a professora pode comentar com os alunos que cada sexo é diferente, que as pessoas têm tamanhos diferentes de braços, perna, pênis, seios, e que, quando eles crescerem, o corpo vai mudar e ficar parecido com o dos pais" (1990, p. 73).

Segundo Nunes e Silva (2000, p. 81):

> Tais práticas, se são muito freqüentes, devem sensibilizar o educador a mostrar às crianças a forma, função e significação dos órgãos sexuais, de maneira serena, segura e clara, com subsídios fundamentos. Muitas manifestações sugerem uma ansiedade de saber que um programa seguro de conversas, textos, fotos e figuras tende a resolver com tranqüilidade, dentro de um planejamento adequado de intervenção educacional.

O que os autores mostram, que educadores devem agir com naturalidade, explicar para a criança em termos suaves e próprios sobre as diferenças entre menino e menina.

A curiosidade não satisfeita desencadeia distúrbio na personalidade da criança.

> A curiosidade não satisfeita vira ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade. É importante satisfazer a curiosidade da criança respeitando seus limites de entendimento e a especificidade da dúvida que ela apresenta. Não responder nada a mais nem a menos do que ela perguntar de maneira objetiva e muito sincera (NUNES; SILVA, 2000, p. 55).

Graças ao Freud sabemos que a manipulação dos órgãos sexuais é entendida como um hábito saudável em qualquer idade durante a infância, mas continua sendo obsceno, sujo, feio, errado e proibido para alguns educadores.

À maneira de agir quando a criança se masturba dentro da sala de aula, "o professor deverá explicar para a criança que aquele não é um comportamento feio ou errado, mas não é uma atitude adequada para lugares públicos, como a escola" (SUPLICY, 1990, pp. 74-75).

Para Nunes e Silva (2000), o professor não deve reprimi-lo, e sim ficar atento se a criança não está usando objetos que podem machucá-la. O educador dever orientá-la.

Quanto aos palavrões o importante nessa situação é não gastar energia reprimindo. E sim, explicar o significado da palavra.

> Expliquem superficialmente o que eles significam e que são utilizados para ofender ou incomodar outras pessoas. Existe também uma brincadeira que ajuda a acabar com o interesse pelo palavrão: é dizer a frase em termos populares e pedir para repetir em termos científicos. (Por exemplo: O cocô sai do cu = as fezes saem do ânus.) O que antes servia para provocar indignação passa a ser usado naturalmente e perde o efeito de agressão ou de chamar a atenção.
> Depois disso, *ignorem*. Se vocês não declararem uma "guerra ao palavrão", em alguns meses esse comportamento cessará (SUPLICY, 1990, p. 58).

A autora destaca outro exemplo: "Merda quer dizer cocô, e nós vamos chamar o João de cocô. Repetir a palavra mer-da de forma bem destacada, para acabar com o seu impacto" (SUPLICY, 1990, p. 74).

Para os jogos sexuais o professor tem que observar a brincadeira para que não haja coação.

"Se esses jogos forem observados mas não atrapalharem alguma atividade, não devem ser interrompidos pois fazem parte do desenvolvimento sexual da criança. O professor só deve estar atento para que não haja coação nessas brincadeiras" (SUPLICY, 1990, p. 76).

A autora também complementa dizendo que esse tipo de jogo é uma tentativa de afirmar a identidade e um teste de realidade, o professore tem que estar atento se são crianças da mesma idade.

Deve-se aceitar o exibicionismo infantil como um ato natural, não é necessário reprimi-lo ou puni-lo pelo ato, apenas deve estabelecer limites para comportamentos em sala de aula.

> Aos educadores cabe sempre conversar, explicar muitas vezes o espaço social e seus limites, de modo a fazer a criança compreender que a corporeidade é uma dimensão íntegra e pessoal e sua exposição banal não retrata liberdade ou quaisquer valores semelhantes. Educar a criança significa dar-lhe, sem nenhum tipo de repressão, ao limites sociais e institucionais, de modo que os compreenda e assimile de maneira pessoal e subjetiva (NUNES; SILVA, 2000, p. 101).

Investir na educação sexual é o caminho principal para a prevenção de qualquer tipo de moléstia sexual infantil. Segundo Suplicy (1990), a criança informada terá mais chances de discernir os limites do contato adulto. Assim a criança não é uma presa fácil ao agressor.

É necessário explicar as crianças que estão envolvidas nesse tipo de brincadeira “que não se pode fazer tais brincadeiras, que não são próprias para a idade deles. Deve-se investigar quem ensinou tal atividade ao mais velho, e nenhuma das crianças deve ser castigadas” (SUPLICY, 1990, p. 76).

No caso da escola não deve fazer nenhum escândalo e muito menos espalhar o acontecido para toda a escola.

> Geralmente uma conversa amistosa, mas energética, é suficiente para a criança pequena parar com tal atividade. Já a mais velha, que estiver procurando seguidamente parceiros para a brincadeira sexual com conotação adulta, eventualmente - dependendo da capacidade dos pais de conversar com ela, tranqüilizá-la e observar uma mudança no comportamento - deve ser encaminhada para um acompanhamento psicológico (SUPLICY, 1990, pp. 76-77).

O grande desafio é acabar com a rotulação preconceituosa em relação à homossexualidade, promovendo a informação e a construção de valores como respeito à diversidade.

> Meninos da pré-escola que apresentam comportamento feminino, ou que só gostam de brincar com as meninas, devem ser incentivados de maneira gentil mas firme a participar das atividades mais tipicamente masculinas. Deve haver um cuidado para este entrosamento ser feito de forma gradual, nos jogos em que o garoto possa ter um desempenho mais adequado.
> Não adianta pressionar esse menino a jogar bola, se ele não gosta e é um desastre no jogo, pois isso será motivo de humilhação. Primeiro ele deve ser valorizado perante os colegas numa atividade em que tenha habilidade e, gradualmente, ser levado a participar daqueles em que é arisco. Os meninos que apresentam trejeitos femininos muito acentuados, além das atitudes tomadas pela escola, devem ser encaminhados para atendimentos psicológicos (SUPLICY, 1990, p. 77).

Dicas de Marta Suplicy a respeito de como proceder com as resposta sobre as curiosidades sexuais das crianças.

Não é necessário ser especialista:

- Professores não se preocupem, querendo saber se falaram a menos ou a mais, ou até se deveriam responder melhor. Se sua resposta for menor do que a curiosidade da

criança, ela perguntará novamente, se tiver confiança em você. Caso você fale de mais ela simplesmente deixará de prestar atenção;

- Procure não fazer um discurso sobre anatomia, valores. A criança na faixa de 2 a 6 anos não tem grande capacidade de concentração. Além disso, ela está interessada apenas no que perguntou.

Que palavras usar:

- Cada família tem um vocabulário próprio para se referir aos genitais, mas, você professor o melhor é usar termos científicos.

Respondam sempre:

- Sempre que a criança perguntar, respondam, mesmo que seja para dizer que não sabem. E se não sabem, procure se informar, pois a criança voltará fazer a mesma pergunta.

Nunca digam:

- Pergunte para seu pai ou sua mãe;
- Bebês nascem da cegonha;
- Não tenho tempo agora;
- Sexo é sujo ou errado.

Para finalizar o PCN de Orientação Sexual (2001), acentua que o professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para intervenção práticas junto dos alunos. E o professor enquanto sujeito deve refletir sobre sua sexualidade, para não transmitir valores e crenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desse trabalho cientifico é a sexualidade em suas três dimensões. A dimensão histórica, que oportuniza ao educador a reflexão e questionamento sobre tabus, preconceitos, valores e crenças construídas ao longo da história, afinal o homem é um ser histórico, produto da história. Em seguida, discutiu-se sobre a dimensão biológica que expõem todo o desenvolvimento sexual infantil, para que o educador jamais negue a existência da sexualidade infantil e sim compreenda como etapa do seu desenvolvimento; e por último, a dimensão social que engloba o espaço escolar, apresenta as manifestações sexuais no espaço escolar e orienta o educador a solucionar as situações.

Tudo que foi exposto nesse trabalho não soluciona os problemas ligados a sexualidade, o mais importante é que a pesquisa auxilia o educador a não tomar por base as suas próprias experiências, promovendo reflexões sobre possíveis caminhos a serem seguidos para auxiliar na formação dos alunos.

Diante disso, esse trabalho permitiu as seguintes considerações:

- Que o educador vista um colete à prova de mitos, preconceitos, tabus e incertezas acerca da sexualidade;
- Sexo não é sujo, errado e pecado;
- A sexualidade não se limita, em hipótese alguma em falar sobre o biológico, e sim transcende junto com a filosofia, história, sociologia e psicologia;
- A Educação Sexual reflete e questiona tabus, valores, atitudes, preconceitos e estereótipos presentes na sociedade. Promovendo assim a felicidade e o bem estar de todos;
- Que o educador tome consciência de que as manifestações da sexualidade infantil constituem-se em aspectos naturais do desenvolvimento sexual;

- É de grande valia que o educador compreenda que o desenvolvimento sexual não é apenas mais uma das funções do organismo (como respiração, digestão, circulação etc.), e sim, uma das mais relevantes para que a criança construa sua própria identidade;
- A sexualidade infantil é diferente da sexualidade adulta;
- Que o educador conheça a sexualidade infantil e sua particularidade, sendo uma fase singular para a construção da identidade pessoal e social do ser humano;
- Assim como educador conhece o desenvolvimento intelectual da criança, faz-se necessário que conheça o desenvolvimento sexual;
- Não basta que o educador domine apenas os conteúdos é essencial que domine a sexualidade;
- A manifestação da sexualidade infantil não se trata de erotização. A criança quer conhecer a si ao outro e o mundo.

Não se espera com este trabalho que o educador seja formado e atue como terapeuta sexual. O que se pretende é que esta pesquisa seja uma das fontes de informações sobre o desenvolvimento sexual infantil que o professor possa consultar, permitindo também a discussão sobre possíveis caminhos a serem construídos e colocados em prática. Afinal, Quanto mais cedo forem derrubadas as barreiras que impedem uma educação sexual eficaz, mais cedo terá a minimização de problemas como a repressão sexual, os problemas de aprendizagens ocasionados por angústias sexuais, o abuso sexual e preconceitos. Portanto, é importante que os educadores busquem informações, planejem, criem novas estratégias, discutam o tema com seus alunos, respeitando a fase que a criança se encontra.

Sabe-se que mudar é difícil, a missão é árdua, os desafios são imensos, porém, cabe a cada educar ousar e tentar mudar, trabalhar adequadamente a sexualidade na infância pode resultar em melhorias na formação integral dos pequenos, serão adultos sexualmente felizes e equilibrados. Assim, como se pretende educar o aluno a ter respeito, a ser um cidadão crítico e ter responsabilidades principalmente nos estudos, também precisa orientá-los e alfabetizá-los na evolução de sua sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. (org.). ***Sexualidade na escola:*** *Alternativas teóricas e práticas*. 4 ed. São Paulo: Summus, 1997.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. ***Psicologias****: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. ***Parâmetros Curriculares Nacionais:*** *Pluralidade cultural e orientação sexual*. 3 ed. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. ***Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil****: Formação pessoal e social*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CABRAL, J. T. ***A sexualidade no mundo Ocidental***. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ETIENNE, R.; IFERGAN, H. ***Mil dicas para entender seus filhos 0 a 7 anos***. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FERREIRA, A. B. H. ***Miniaurélio Século XXI Escolar:*** *O minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GESELL, A. ***A criança dos 5 aos 10 anos***. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GTPOS; ABIA; ECOS (org.). ***Guia de Orientação Sexual:*** *Diretrizes e metodologia*. 10 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

NUNES, C. A. ***Desvendando a sexualidade***. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

NUNES, C.; SILVA, E. ***A educação sexual da criança***. 1 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PETERS, I. S. ***Sexologia Educacional***. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1985.

SILVA, M. C. (org.). ***Sexualidade começa na infância***. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SUPLICY, M. ***Papai, mamãe e eu***. 1 ed. São Paulo: FTD, 1990.

_____. ***Sexo para adolescentes***. 1 ed. São Paulo: FTD, 1998.

VITIELLO, N. ***Sexualidade:*** *Quem educa o educador*. São Paulo: Iglu, 1997.

WEREBE, M. J. G. ***Sexualidade, política e educação***. 1 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.